

CINFÃES (Oliveira do Douro)

Ermida é uma localidade da freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães, distrito de Viseu. A igreja de São Pedro de Ermida dista cerca de 12 km para leste da sede de concelho. Sair de Cinfães pela estrada N222. Cerca de 11 km à frente virar à esquerda numa estrada em direção ao rio Douro; 500 m à frente virar à direita e depois, 150 m à frente, fazer uma curva acentuada à esquerda. A igreja encontra-se 200 m à frente do lado direito.

A localização da igreja de São Pedro de Ermida é rural, isolada, e edificada num promontório sobre o rio Douro. A freguesia de Oliveira do Douro é anterior à nacionalidade, e existia já no reinado de Ordonho II da Galiza e Leão. Até meados do século XIX integrou o concelho de Ferreiros de Tendaís. Também a paróquia de Ermida do Douro pertencia ao referido concelho de Ferreiros de Tendaís. Este foi extinto em 1855 e integrado no concelho de Cinfães. A freguesia de Ermida do Douro foi extinta por decreto passando a integrar a freguesia de Oliveira do Douro. Esta paróquia de Ermida do Douro tinha título de abadia e pertencia à diocese de Lamego.

Perspetiva aérea a partir de sudoeste



Igreja de São Pedro da Ermida

A IGREJA DE SÃO PEDRO DE ERMIDA é de estrutura românica e terá sido edificada em finais do século XIII, inícios do século XIV. Foi igreja paroquial, mas posteriormente abandonada depois do culto ter sido deslocado para a igreja paroquial de São Miguel de Oliveira do Douro.

A ausência de documentação escrita relativa a esta igreja impede a reconstituição da sua história. Sabemos apenas que a localidade de Ermida do Douro integrava o julgado de Ferreiros, que era reguengo, à exceção de algumas *villae* rústicas, como por exemplo Ruivães que, em 1258, era uma honra Templária. Em meados do século XIII, o julgado de Tendeiros era formado pelas paróquias de São Miguel de Oliveira e de São Pedro de Ferreiros. Nas Inquirições realizadas no reinado de D. Dinis, em 1288, no atual território da freguesia de Oliveira surge uma outra paróquia: a de São Pedro da Ermida, onde havia duas quintas honradas. D. Afonso V revoga o privilégio de reguengo de que gozava o julgado de Ferreiros, dando a terra a D. Fernando duque de Bragança, em 1471.

O foral de Ferreiros de Tendaís (dado por D. Sancho I, em 1210, e confirmado por D. Afonso III, em 1258)

refere que a igreja de Ermida teria sido em tempos um mosteiro beneditino.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino mandado redigir por D. Dinis em 1320, a igreja de "São Pedro de Pinho de Ermida" foi taxada em 40 libras, valor bastante baixo no contexto das igrejas do bispado de Lamego, onde se destaca o mosteiro das "Donas de Arouca" taxado em 9 000 libras.

Segundo o Censual do Cabido de Lamego, da primeira metade do século XVI, a igreja de São Pedro de Ermida era da apresentação do mosteiro de Mancelos e do senhor da honra de Resende, alternadamente.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, esta paróquia de São Pedro de Ermida era do bispado de Lamego, concelho de Ferreiros de Tendaís. Tinha, então, a igreja três altares e o orago era São Pedro Apóstolo e "não tem naves por ser mui pequena e antiga". O terramoto de 1755 não provocou danos e "não houve mais que o formidável tremor da terra e o ar escurecido que a todos atemorizou".

De pequenas dimensões e orientada, a Ermida do Douro apresenta uma planimetria muito simples. Compõe-se esta de nave única e cabeceira retangular, mais baixa e mais



Perspetiva geral da igreja. Alçados este e sul

estreita que a nave. Atendendo às características plásticas, mas também às características dos silhares que em ambos os corpos enformam um aparelho pseudo-isódomo, é possível que a abside seja anterior à nave. Aqui o aparelho, de grandes dimensões e bem esquadriado, apresenta-se mais irregular e de melhor qualidade. Não fora o estado de abandono em que se encontra o edifício, sem portas e sem cobertura na abside, votado ao devir das intempéries, a igreja da Ermida do Douro constituiria seguramente um excelente exemplo de como o modo de edificar românico se manteve numa longa cronologia e como este foi permeável a adaptações de gosto, conforme atestam os vestígios de pintura mural visíveis ou a presença de bases de altares na parede testeira da abside. A norte, um pequeno corpo retangular e comunicante com a abside cumpriu, até ao abandono desta igreja em meados do século XIX, as funções de sacristia.

Os testemunhos românicos mais relevantes encontram-se no exterior e na parede fundeira da abside. A meia altura do paramento corre um friso com o motivo das palmetas bracarenses. Imediatamente sobre este rasga-se uma fresta que ostenta um par de colunelos com capitéis ornamentados com uma escultura algo voluptuosa. Apesar do seu elevado grau de degradação, conseguimos identificar enrolamentos e motivos vegetalistas.

Os alçados da igreja primam pela contenção. A igreja não tem cachorros, elemento comum na arquitetura românica portuguesa. Mais elaborado na cabeceira, vemos aqui



Exterior. Alçado este da cabeceira. Fresta



Alçado oeste



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

um friso com ressaltos sobre o qual se abre fresta retangular. Na nave, rasga-se portal de verga reta e fresta retangular, relativamente alargada comparativamente com os modelos românicos mais comuns. Ambos os elementos são isentos de elementos decorativos. O alçado norte é ainda mais contido. Rasga-o apenas uma fresta e não tem portal.

A fachada oeste da igreja fala-nos, igualmente, de contenção. Um simples campanário (mas sem sino) quebra o ritmo natural da empena de duas águas. O portal é tardio e inscreve-se mais no espírito do gótico do que do românico porque se inscreve na espessura do muro, e a sua arquivolta, embora de volta perfeita, assenta diretamente sobre as impostas dos pés-direitos. Também não recebeu qualquer elemento decorativo.

Apesar do estado de abandono, é bem perceptível que o espaço interior foi alterado num momento que julgamos muito próximo do seu abandono. A parede fundeira da abside é aquela que conserva os vestígios românicos mais significativos. Além da boa qualidade do seu aparelho, devemos notar que a aduela de fecho da fresta ostenta no seu intradorso motivos geométricos incisos. Sob esta persiste uma base de altar com o seu *loculus*, para a guarda de relíquias. Além de ter recebido altares colaterais, de que persistem as bases, poderá ter sido o arco triunfal atualizado dentro de um gosto mais classicizante. A igreja recebeu ainda pintura a fresco, apesar desta estar em parte oculta

por uma camada de reboco branco. No lado do Evangelho, na nave, persistem dois arcossólios e que chegaram a abrigar tumulações, hoje violadas. Uma plataforma quadrangular à entrada da igreja, no lado do Evangelho, deve ter acolhido uma pia batismal.

A pequena igreja de São Pedro é um bom exemplo de como os modelos eruditos circularam e se disseminaram por geografias vastas. A presença do tema das palmetas bracarenses na parede fundeira da cabeceira pode ser entendida como uma vontade de monumentalização recorrendo a um modelo do reportório românico que muito se disseminou entre nós. Além disso, testemunha como este léxico erudito se conjuga com formas mais contidas de edificar. A nave da igreja, bem como a sua escala, confirmam estarmos diante de um templo que servia uma comunidade reduzida e que acabou por ser extinta em meados do século XIX, e conduzir ao abandono da igreja após a transferência do culto para a freguesia de Oliveira do Douro.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR

Bibliografia

ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 117; BOISSELLIER, S., 2012, p. 165; GEPIB, 1935-60, XIX, pp. 338-339; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 227-229; PMH, INQ., 1288-91, pp. 435-437; ROTA DO ROMÂNICO; SIPA.